

Modo como a pessoa se vê determina sua identidade

Gênero não se define só pelo órgão sexual, dizem especialistas

INFORME-SE

Conheça mais definições de termos no Centro de Equidade de Gênero: ejce.berkeley.edu/geneq/resources/lgbtq-resources/definition-terms

“O binarismo faz com que as pessoas obrigatoriamente tenham que definir o sexo no momento do nascimento.”

PAUL O MARIANTE

Advogado e ativista de direitos humanos

Especialistas afirmam que a identidade de gênero está relacionada mais à maneira como a pessoa se vê do que com o órgão genital que possui. A partir daí, se utilizam dois termos: transgêneros, que são as pessoas que não se identificam com as características do gênero designado a elas no nascimento, e cisgênero, que são aquelas que se identificam com as características do gênero designado a elas ao nascimento.

“O conceito de gênero ganhou muita força no Brasil especialmente a partir dos anos 90, e é ele que traz essa ideia de pensar em toda uma construção social, cultural e histórica acerca do que é ser mulher e ser homem, por exemplo. Ele questiona esse binarismo no sentido de trazer como você tem comportamentos associados ao masculino e comportamentos associados ao feminino não naturais, ou seja, eles estão associados a mudanças históricas e tudo mais”, explica Gabriela Trevisan, mestranda de história cultural e pesquisadora de literatura e gênero da Uni-



iStock/Banco de Imagens

SAIBA MAIS

Orientação sexual é diferente de identidade de gênero. Está relacionado à sexualidade da pessoa por quem se sente atração afetiva ou sexual. Não é necessariamente relacionada com o gênero. Uma pessoa trans pode ser homossexual, heterossexual ou bissexual. Há ainda as pessoas panssexuais, caracterizadas pela atração sexual ou romântica por pessoas independentemente do sexo ou gênero. Os panssexuais podem se sentir atraídos por homens, mulheres ou também por pessoas que não se sentem identificadas com o seu gênero incluindo interssexuais, transsexuais e intergêneros. Além das assexuais, que não sentem atração por pessoa de gênero nenhum.

camp.

Advogado, militante e ativista de direitos humanos, Paulo Tavares Marianne afirma que o binarismo é um equívoco porque tenta em duas “caixas” definir a diversidade humana. “O binarismo faz com que as pessoas obrigatoriamente tenham que definir o sexo no momento do registro de nascimento. No que isso é tão determinante na vida das pessoas para os exercícios dos seus direitos?”, afirma.

Segundo Marianne, além de ser um problema em si, o binarismo é um instrumento de opressão em uma sociedade machista. “Funciona como um marcador de superioridade e inferioridade, do masculino sobre o feminino. É um conceito construído cultural e socialmente com objetivos políticos, de submeter

as pessoas à opressão, porque não responde a toda a diversidade de gênero que existe na humanidade. Evidente que as trans são a parte mais exposta do quanto o binarismo é opressor.”

Uma das lutas dos movimentos sociais é pela neutralidade de gênero nos documentos oficiais, a exemplo da Polícia Federal (PF), que alterou os termos “pai” e “mãe” no formulário de solicitação de passaporte para genitor 1 e genitor 2 e incluiu a expressão “filiação” na caderneta. Marianne defende a discussão de gênero em todos os espaços e instâncias, inclusive nas escolas, como medida de combate ao preconceito e à opressão.

“Conservadores fizeram dessa questão um cavalo de batalha, não admitindo o debate. As pessoas não vão vi-

rar homossexuais por debater gênero. Elas vão aprender um pouco mais, aprender a respeitar a questão da identidade de gênero. É preciso acabar com o tabu. O próprio debate crítico acerca do gênero se renova porque daqui a um tempo outras ideias poderão surgir”, afirma.

Ele ressalta que o gênero

entendido como algo normatizador na vida das pessoas é prejudicial. Pensado como multiplicidade de olhares das expressões da diversidade humana, não é um problema. Gabriela acrescenta que a discussão das questões de gênero trouxe a tona o machismo, a homofobia, a transfobia, “no sentido de problematizar

o quanto essas construções acerca do que é ser mulher, do que é ser gay, lésbica, trans foram durante muito tempo postas como até ligados a uma patologia ou inferioridade. O gênero veio para trazer isso, as mulheres não são inferiores, as trans não são pessoas inferiores nem doentes.” (IM/AAN)